

CURRICULO OCULTO E SUA ATUAÇÃO NO AMBITO ESCOLAR*

HIDDENIT CURRICULUM AND ITS PERFORMANCE IN THE SCHOOL ENVIROMENT

Otainan da Silva Matos 1

José Antonio Moraes Costa 2

Wallesson Alexandre de Sousa Lima 3

Fernanda Gabrielle Soares da Silva 4

Geysa Helena Guimarães Chaves 5

Jhonatan Peres de Sousa 6

Mestre em Educação pela UFMA. professor do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA).
Lattes <http://lattes.cnpq.br/1953865097289642>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8836-0531>.
E-mail: Otainan.filosofia@yahoo.com

Mestre em Letras pela UFMA. Professora da (SEMED-MA) e Grupo Dom Bosco. Lattes:<http://lattes.cnpq.br/0455714334442387>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4603-361X>.
E-mail: professor.antoniomoraes@gmail.com

Especialista em Engenharia de Transportes pelo o Instituto Navigare de São Luis/MA.Professor do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1880851624132593>.
ORCID: <https://orcid.org/0000000244515597>.
E-mail: wallessonlima@hotmail.com

Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia, Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA.
Lates: <http://lattes.cnpq.br/6621781903128303>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5042-7975>.
E-mail: fernandag.soares@hotmail.com

Mestra em Engenharia Elétrica pela UFMA. professora do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3141399362772593>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9218-1413>.
E-mail: geysahelena@gmail.com

Mestre em Engenharia de Materiais pela UFMA. professor do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7312366852457999>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3047-6870>.
E-mail: jhonatan_ps.eng@live.com

Resumo: Com base nos currículos de ensino que perpassam desde o tradicional até a atualidade, trouxemos à tona o lado oculto dele. Visamos mostrar os fatores pelos quais o currículo oculto existe nos diversos âmbitos institucionais. Além disso, apresentaremos o quão importante eles são. Desse modo, buscamos a compreensão de que é preciso desvincular-se do currículo tradicional e avançar para as novas nuances do ensino e aprendizagem sem que eles sejam silenciados. Apontamos as tecnologias como avanço que facilitam e ajudam a desvendar os mistérios do currículo oculto. Por fim, percebemos a importância das instruções dos professores aos alunos com relação aos avanços tecnológicos que influenciam no currículo e, conseqüentemente, no currículo oculto.

Palavras-chave: Currículo. Currículo Oculto. Ensino e Aprendizagem.

Abstract: Based on the teaching curricula that run from the traditional to the present, we have brought out the hidden side of it. We aim to show the factors by which the hidden curriculum exists in the various institutional spheres. In addition, we will present how important they are. In this way, we seek the understanding that it is necessary to detach from the traditional curriculum and move on to the new nuances of teaching and learning without being silenced. We point to technologies as advances that facilitate and help to unravel the mysteries of the hidden curriculum. Finally, we realize the importance of teachers' instructions to students regarding technological advances that influence the curriculum and, consequently, the hidden curriculum.

Keywords: Curriculum; Hidden curriculum; Teaching and learning.

*Artigo modificado, apresentando no evento I SIMPÓSIO CURRICULO E CULTURA: encontros antifascistas. Realizado de 15 a 19 de 2020 em Porto Seguro.

Introdução

Ao abordarmos sobre a temática currículo, nos deparamos com um conceito estritamente superficial até o momento experienciá-lo. O currículo é conceitualmente uma proposta que abrange um universo de informações. Todavia, nos ateremos ao currículo escolar que em seu bojo deve proporcionar uma sistematização eficiente do conteúdo e da ação dos docentes frente às propostas levantadas.

O termo foi constantemente moldado pelos tempos e sua implantação, que iniciou no seio familiar, foi ganhando forma e estrutura. Dos anos de 1990 em diante, no Brasil, o currículo passou a estar em regularidade, ou seja, tornou-se algo centralizado e privilegiado buscando atenção de autoridades, políticos, docentes e especialistas. Conforme Moreira (1997, p. 7), “sua centralidade no panorama educacional brasileiro contemporâneo pode ser atestada pelas constantes reformas dos currículos dos diversos graus de ensino, bem como pelo incremento da produção teórica do campo”, e ainda hoje, após a efetivação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) referente à Educação Básica, essa centralidade continua presente. O pensar num currículo que coubesse em instituições de ensino aprimorou-se e ganhou espaço, embora ainda estivesse apenas no papel.

O currículo é algo que deve transpassar, ou seja, é algo que deve ser vivido e não apenas lido. Contudo, não é algo simples de ser entendido. Há formas de ensino e aprendizagem que acontecem de forma implícita, ou seja, nas entrelinhas das relações que se concretizam no ambiente escolar. Silva (2003) categoriza essas aprendizagens informais como currículo oculto. Segundo ele, “[...] o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (p. 78).

Essa sempre foi uma constante no seio escolar ou institucional. Tornar o currículo algo real é ainda um grande desafio aos que governam e principalmente aos que estão no chão da escola. Por esse motivo, surge o chamado currículo oculto. Essa expressão de dá pelo silenciamento de docentes, de representantes ativistas, pela boa ideia de aperfeiçoar o ensino, por uma descoberta que pode desenvolver mais a educação, entre tantos outros fatores.

O currículo oculto serve tanto quanto o currículo real. A diferença parcial é que um torna-se basicamente uma representação que deve melhorar, mas não pode ser trabalhado e o outro é a realidade estudada e transmitida. A supressão de conhecimento ou de propostas que podem ser estudadas para melhoria do favorecimento educacional, é também representado pelo currículo oculto. Essa filosofia se torna útil para a simples retirada de disciplinas, por exemplo, da grade curricular das escolas. A Filosofia, Artes, Sociologia, são fatos reais desse currículo que poderia ser uma realidade estudada, mas acabou entrando para a lista oculta do currículo.

O currículo se torna oculto pelos desdobramentos do governo que fecha as portas para novos horizontes, porém, este mesmo currículo se torna real pela existência de consciências em formas de docentes que não abrem mão do conhecimento necessário aos discentes. E com as tecnologias, o oculto está deixando de ser esconder e o currículo tornando-se real a cada instante.

Ao versar sobre a compreensão silenciada do currículo, é importante retomar a história desse fato propriamente dito, que ao longo dos anos foram se modificando e marcando os estudos e o desenvolvimento no campo de trabalho no cenário educacional. O conceito de currículo oculto surge ao final da década de 1960 quando Jackson, citado por Garcia (2010), define o conceito de currículo oculto referindo-se “a valores e comportamentos que são aprendidos pelos alunos nas escolas em sua prática diária. Para ele, esses elementos presentes de forma implícita na prática escolar precisam ser examinados como legítimos integrantes do projeto pedagógico praticado.

As escolas, segundo Perrenoud (1996), têm consigo a presença de três currículos de forma coexistente. Primeiramente, o currículo formal que estabelece as linhas da cultura que a escola deve transmitir, claramente explícito nas documentações oficiais da instituição; a partir daí surge o currículo real, aquele que de fato é desenvolvido pelo professor na sala de aula, em que a realidade do fazer pedagógico articula o planejamento docente, a contribuição dos

alunos. Por fim, há ainda o currículo oculto onde se apresentam as aprendizagens oferecidas pela escola, que não constam nos planejamentos, mas que reforçam valores e constroem uma visão de mundo, delimitam comportamentos e atitudes, e acabam por moldar os alunos em áreas que passam despercebidas pela instituição.

Em meados do século XIX, o currículo era meramente algo que se voltava às habilidades do desenvolvimento profissional, basicamente trazido às atividades domiciliares. A educação, por sua vez, era de responsabilidade da família e os conhecimentos transmitidos aos posteriores, eram frutos dos valores cristãos. Como precedente ao Iluminismo, no século XVI, uma grande reviravolta acontece em relação à educação e seu ensino. Já não era mais suficiente.

O currículo também devia estar centrado nas experiências de vida das pessoas e não nos textos e livros. Tudo passa a se reinventar, contrariando, é claro, os clássicos tradicionalistas. O que antes era tido como um currículo voltado às questões da fé, nesse momento passa a ter a razão como guia. No final do século XIX e início do século XX, inicia-se efetivamente, nos EUA, o currículo como campo sistemático de trabalho na educação.

Segundo Gesser (2002), este campo de atividade iniciou-se devido ao advento da sociedade industrial e urbana da época. Com isso, temos movimentos extremamente importantes e significativos nesse campo de lutas, como: o currículo tecnicista (1918) e o currículo progressista de Dewey, nos anos 20. A partir desse impasse, outras reformas buscaram base para impor seu currículo de forma radical, contrariando o objetivo fundamental: ajudar a reconstruir a sociedade e buscar soluções para nossas crises sociais e culturais. Ou seja, um currículo direcionado para a justiça social.

Algumas condutas referentes à reforma do currículo geraram alarde com o reivindicar dos direitos civis, nos EUA nos anos 60, pois as mulheres ganham liberdade, bem como os negros, homossexuais e outros grupos que eram considerados minorias. Dessa forma, deram uma nova roupagem ao currículo, visando ao multiculturalismo que se estendeu pela década de 70. Assim nasce a pedagogia crítica. Contudo, só nos anos 90, no século XX, o currículo tem como foco a educação pós-moderna, tendo como maior representante, Willian Pinar.

Buscando desvendar os mistérios do currículo, ainda hoje se discute qual seria mais relevante, porém esquecemos que por mais discussão crítica e inovadora que se tenha, há a necessidade de se retratar a diversidade e valorizar as diferentes vozes, realidades, comunidades; mas, o que vemos no interior das escolas, principalmente, é um currículo que visa homogeneizar, padronizar, igualar. Assim, temos um currículo que se esconde, um currículo oculto. Existem grandes contribuintes que são silenciados pelo fato de dependerem ou também por falta de oportunidades e isso gera um questionamento baseado em um grande ditado popular: “quem cala, realmente consente”? A aprendizagem se legitima através do currículo que seguimos e por meio do currículo somos reinventados socialmente. Nesse aspecto argumenta Silva (1999 p. 80):

[...] a coisa toda consiste, claro, em desocultar o currículo oculto. Parte de sua eficácia reside precisamente nessa sua natureza oculta. O que está implícito na noção de currículo oculto é a idéia de que se conseguimos desocultá-lo, ele se tornará menos eficaz, ele deixará de ter os efeitos que tem pela única razão de ser oculto. Supostamente, é essa consciência que vai permitir alguma possibilidade de mudança. Tornar-se consciente do currículo oculto significa, de alguma forma, desarmá-lo.

Há implicações entre autores quanto aos fatores que levam o currículo a ser oculto. Segundo eles, há uma conexão dos laços interpessoais até a relação entre a pessoa que aprende e o conteúdo a ser aprendido, pois com sua habilidade de transmissão o currículo oculto reproduz valores e crenças em qualquer processo, seja institucional ou não. Isso condiciona o que ensinar sem que possamos perceber. Tendo essa fundamentação, Giroux (1986) afirma que a transmissão e reprodução valores e crenças dominantes através do currículo oculto são reconhecidas e aceitas como forma positiva do processo de escolarização.

O currículo oculto se molda durante a transmissão de conteúdos dando forma aos

conhecimentos e atitudes que vão sendo construídos dentro de lições pré-agendadas. E, em se tratando deste currículo, nos deparamos com consequências que não são tão abertas e reconhecidas no processo de ensino/aprendizagem. Nesse sentido, é mister salientar que não podemos apenas nos referir ao currículo oculto de forma negativa porque existem valores, atitudes, regras de comportamento que não são necessariamente ruins. Há pressuposições de uma estrutura educacional e política, sobre as quais o currículo oculto modifica-se desde os formatos das instituições de sala de aula até o momento do ensino. Isso corrobora para deixar equilibrada as consequências antidemocráticas que geram opressão.

O exercício do currículo e especialmente do currículo oculto, começa na sala de aula, de maneira social, de interação com o outro, nas tarefas, na competição, no poder, etc. Isso gera nos alunos as pré-disposições necessárias para lidar com as adversidades como o sucesso, a perda, o trabalho, a paciência e os disciplina para viver em sociedade. Giroux (1986) sustenta essa questão ao afirmar que a escola exerce um papel fundamental porque nela que é dada a ênfase da aprendizagem dos valores pela sociedade aos alunos, estes não se aprendiam dentro do âmbito da família. Diante dessa afirmativa, dizemos ainda que essa forma de escola fornece aos alunos um ambiente social importante, visto que ensina normas de autonomia individual e em grupo, critérios de especialidades e universalidades.

Para Bourdieu (1983), o movimento de trabalho do ensino é um dos mecanismos pelos quais as estruturas no contexto social são fixadas. Neste caso, o sistema de ensino ajuda a conservar as estruturas, e outros sistemas com a mesma função, como o econômico. Tal correspondência se funda por meio de uma hierarquia nas escolas e pelas regras estabelecidas no ambiente escolar. Assim, acontece a tão chamada subordinação hierárquica entre a direção e os professores e entre os professores e alunos, dando forma ao processo de capitalismo que os condiciona. O currículo oculto refere-se:

[...] às consequências não intencionais do processo de escolarização. Os educadores críticos reconhecem que as escolas modelam os estudantes através de outras agendas, incluindo regras de conduta, organização de sala de aula e procedimentos pedagógicos informais usados por professores com grupos específicos de estudantes. O currículo oculto também inclui estilos de ensino e aprendizado enfatizados na sala de aula, as mensagens transmitidas ao estudante pelo ambiente físico e instrucional como um todo, estruturas de liderança, expectativas do professor e procedimentos de avaliação (MCLAREN, 1997, p. 216).

Dizemos que a sala de aula é o ambiente usualmente da atividade que inclui que necessita de atenção e de pensar o espaço como designação de atividades específicas de ensino e aprendizagem sequenciadas e sistematizadas. Investir num espaço que seja flexível e estendidos a atividades escolares exige do professor uma visão além do seu alcance normal. Segundo Frago e Escolano (1998, p.139),

[...] significa fazer do mestre ou professor um arquiteto, isso é, um pedagogo e, da educação, um processo de configuração de espaços. De espaços pessoais e sociais, e de lugares. Ao fim e ao cabo, o espaço – assim como a energia, enquanto energia – não se cria nem se destrói, apenas se transforma. A questão final é se se transforma em um espaço frio, mecânico ou em um espaço quente e vivo. Em um espaço dominado pela necessidade de ordem implacável e pelo ponto de vista fixo, ou em um espaço que, tendo em conta o aleatório e o ponto de vista móvel, seja antes possibilidade que limite. Em um espaço, em suma para a educação, um âmbito que não pertence ao mundo da mecânica, mas ao mundo da biologia, ao mundo dos seres vivos.

O currículo oculto busca trabalhar numa autonomia e perspicácia dos docentes no âmbito escolar, pois a saída de um sistema fechado e o investimento no movimento gera conflitos e rompe com a rotina. Isso declara a escola como uma estrutura física padronizada que induz a corpos dóceis. Assim, a reflexão sobre a forma representativa dos ambientes e currículos nas escolas perpassa pelos olhares necessários aos elementos da linguagem arquitetônica, uma vez que o modo como são disseminadas as características desses espaços ao disciplinarem a disposição dos corpos, e a atitude humana ao se depararem com um currículo silenciado, constroem atividades educativas com plenos significados. Eles são espaços onde se reproduzem aprendizagens de diversos modos, inclusive aquelas ocultas.

A reflexão diante do currículo oculto nos permite perceber certos significados quanto às práticas e rotinas que outrora não eram vistas. Essas aprendizagens não-críticas e não-pensadas reflete na reprodução da esfera econômica da sociedade. O currículo é um instrumento de grande significado para um ambiente social levando em consideração, principalmente o valor histórico que possui e para a renovação e transformação segundo algumas culturas. Nesse sentido, é importante dizer que o currículo é um fator político que visa a hegemonia de muitos saberes, valores e missões.

Como explica Silva (1999b, p. 105), “pensar o currículo como fetiche significa encarar o currículo como uma representação. A operação de desfeticização supõe a transparência do conhecimento, supõe uma identidade entre o conhecimento e a realidade”. O currículo oculto, portanto, pode se associar à construção das identidades, de forma mais precisa e ágil do que os discursos democratizantes presentes em documentos oficiais.

Para Giroux (1986), o currículo oculto devia estar ocupado fundamentalmente em responder à questão o que torna a sociedade possível? considerando que o ato educativo exerce importante papel na manutenção do *status quo*. A escola ensina às crianças não somente conteúdos, mas habilidades, normas, valores que permitem adaptação à disciplina e à hierarquia, típicas do mundo do trabalho. Na escola, ideologia e conflito são negligenciados, em detrimento do consenso e da adaptação social.

Assim, o currículo não pode ser considerado apenas como um condutor da socialização no interior das escolas, mas, também como responsável pelo controle social, operando no sentido de oferecer escolarização diferenciada para os diversos tipos de alunos. É nesse sentido que abordamos o currículo oculto como forma de expansão, pois ele não deve ser silenciado por certos padrões estabelecidos pela sociedade e principalmente nos ambientes educacionais, porque é a partir dele, que os alunos se tornam autônomos, reflexivos e livres de pensamento.

O currículo oculto deve fazer parte do rol da homogeneização para não cair na mesmice de vitimizar sempre o ensino. A escola, com seu currículo oculto, de forma não declarada, ensina *modus operandi* e *modus vivendi* às gerações mais jovens porque seleciona, classifica, rotula, disciplina e distribui desigualmente o saber. Segundo Santomé (1994), a forma de organização escolar e os mobiliários também participam da rotina e da monotonia escolar, desenvolvendo aspectos relacionados à subordinação e à obediência dos alunos. Em concordância, Silva (1992) explica que o currículo oculto é o resultado de uma trama complexa que envolve os rituais e as práticas escolares, as relações hierárquicas desenvolvidas na escola e as características físicas do ambiente escolar.

Para se conquistar mudanças nesse processo curricular, na qual a grande parte significativa é silenciada, é necessário unir forças contra o tradicionalismo. Isso é possível por meio de com reflexões constantes, pela possibilidade de no coletivo ocorrer a construção de um novo olhar em relação ao currículo oficial. Numa perspectiva contemporânea, evita-se o silêncio de vozes que contribuem para o bom funcionamento do ensino. Evitando o silenciamento que se denuncia pela acomodação ou pela falta e oportunidades de falar, há uma construção com bases fortes no processo educativo. Faz-se necessário a construção de um currículo orientador, este fundamentado em discussões e planejamento adequados.

Na elaboração do currículo, é preciso que haja dos colaboradores, habilidades diversas, valores, ter em vista a missão, incentivos, apreciações e conhecimentos a respeito de que os indivíduos dependem e querem atribuir para suas vidas. Nesse aspecto, torna indiscutível

não levar em consideração a forma de currículo tradicional, em se tratando de uma nova construção curricular. Contudo, devemos pensá-lo no momento atual, na tentativa de buscar novos horizontes e transformá-la em um lugar de produção, de praticar o currículo e não de apenas transmitir conhecimentos e culturas. A bem dizer, concepção de mundo não se reproduz somente pela conceituação,

[...] ela se expressa nas práticas escolares, desde as mais simples até as mais sofisticadas. Expressa-se, enfim, naquilo que poder-se-ia chamar de ritual pedagógico. Esse ritual é o funcionamento da formação pedagógica e possui uma hierarquização semelhante à hierarquização existente em instituições globais. Ele abrange, além do pessoal, a organização burocrática, os programas, os controles e as provas (CURY, 1995, p. 118).

Levando em consideração o momento atual e na produção dos novos currículos, podemos falar das atuais tecnologias. Elas servem como grande suporte para essa construção, pois possibilitam uma nova razão significativa um novo pensar, diversos caminhos para construir o conhecimento de forma prazerosa e lúdica. Através dos computadores, internet, livros, TV's, vídeos, a interação se torna mais efetiva nos trabalhos do currículo, e por mais que exista a parte silenciada ou currículo oculto, a tecnologia configura-se como um avanço muito elementar nesse aspecto, pois dar maior liberdade individual aos alunos para adentrarem noutras vias da educação. Desse modo, tornam-se ativos no processo de ensino e aprendizagem.

Com base nisso, na atual sociedade de aprendizagem, os desafios crescem para os docentes, pois compete a eles desenvolverem um pensamento crítico e reflexivo para que os próprios alunos sejam autônomos de seus argumentos. Por isso, mudar a forma de aprender dos alunos, visa também buscar novas formas de ensinar por parte do professor. Aos alunos que não dispõem desses recursos tecnológicos e que envolve de certa forma, a cultura, veem como a única maneira de aprender o currículo na escola e com recursos meramente tradicionais, como o quadro negro e o giz, caso a escola disponha.

Não se trata de transformar essa nova cultura num novo pacote de rotinas recicladas, como quem atualiza um programa de processamento de texto [...]. Uma forma mais sutil, enriquecida, de interiorizar a cultura, neste caso a cultura de aprendizagem, é repensá-la em vez de repeti-la, desmontá-la peça por peça para depois construí-la, algo mais fácil de conseguir desde a distância da história (POZO, 2002, p. 26).

Nessa senda, é importante que as escolas tenham recursos que provem do governo e este deve corroborar na intenção construir juntos uma educação no qual o currículo real seja autêntico e fundamentado. Assim, será possível prever um futuro baseado num currículo que foi proposto e realizado.

Por muito tempo o professor ainda será o responsável por tornar a educação uma arte curricular. É ela que desenvolverá conhecimentos de práticas inovadoras e criativas, a fim de atender expectativas imbricadas nas escolas no intuito de formar futuros cidadãos, aprendizes flexíveis na vida em sociedade e exigir estratégias de aprendizagens adequadas dentro e fora da unidade escolar. Por esse fator, torna-se essencial que os docentes busquem uma continuidade em sua formação e agreguem o que importante para ser proposto em uma educação curricular que, explícita ou implicitamente, contribua para a aprendizagem dos alunos. Assim, nos dizeres de Goergen (2006, p. 98) a educação curricular deve ser como,

[...] um caminho, um andar por paisagens em parte já familiares em parte desconhecidas, ao longo do qual os próprios andantes vão aprendendo seu modo de andar, ensaiando seu gingado, definindo seu modo de ver as coisas, delineando os traços do seu rosto, enfim, emergindo como pessoas.

Certamente é na base escolar que percebemos muitas vozes silenciadas, das crianças, dos jovens e dos próprios professores quando suas falas são negadas, quando se calam sem consentir, quando suas literaturas não são lidas, quando suas aspirações e crenças não são ouvidas e/ou respeitadas, quando os questionamentos não são respondidos. É na escola que deixamos de aprender com quem tem mais experiência, o mistério que diferencia e ao mesmo tempo iguala os diferentes. Com isso, deixamos de perceber que os alunos, a partir dessa concepção curricular, constrói uma identidade e constitui a sua subjetividade, ou seja, sua maneira de ver o mundo e a entender, ouvir e escutar a sua representação. Silva (2003, p. 15-16), no adverte que:

No fundo das teorias do currículo está, pois, uma questão de “identidade” ou de “subjetividade”. Se quisermos recorrer a etimologia da palavra “currículo”, que vem do latim curriculum, “pista de corrida” podemos dizer que no curso dessa “corrida” que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos. Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade.

Nos dizeres de Silva (1996, p. 3), “a primeira imagem que uma criança tem de si mesma, na maioria das vezes lhe é dada através da escola, nas relações com os colegas, professores, enfim, nas relações intergrupais e interpessoais que se produzem no espaço-escola”. Por esse motivo as representações que os docentes têm dos discentes, contribuem para o currículo oculto. Daí surge a necessidades de todos os representantes envolvidos no ambiente escolar, saber o conceito propriamente dito. Esses conceitos vão mostrar parcialmente o sucesso e o fracasso da escola. Com elas, o autor em questão adverte que em momentos isso prejudica o funcionamento pedagógico da instituição.

Vamos verificar que muitos professores, logo de saída, já formam uma opinião dos seus alunos. Ou ele é “bom” ou é “mau”. E raramente esta opinião muda ao longo do tempo. Assim, as crianças que são mais valorizadas pela escola tendem a melhor se adaptar e alcançar relativo sucesso, ao passo que aquelas outras, que, aliás, são a maioria, acabam sendo eliminadas brutalmente desta escola, nela nada conseguindo. Ao invés de se escolarizarem, se desescolarizam neste tipo de escola, o que mais cedo ou mais tarde acaba fazendo com que essas crianças sejam excluídas, eliminadas do contexto da escola. Assim é que este estigma do fracasso se interioriza de tal forma na maioria dessas crianças, que elas passam a se comportar de acordo com a expectativa que a instituição tem em relação a elas, ou seja, a de crianças inadequadas, mal resolvidas, de péssimo rendimento, em uma palavra, incapazes. O que vai fazer com que se reforce para essas pessoas o mito de que são culpadas pelo seu próprio fracasso, e na medida em que esses futuros trabalhadores ingressem no exército de mão-de-obra disponível à exploração capitalista, serão cada vez mais acomodados, achando que receberam na escola o que deviam receber mesmo, pois são “inferiores” e “incapazes”. A função que vão desempenhar na idade adulta não dependerá mais da sua origem de classe, mais do seu “esforço pessoal” (SILVA, 1996, p.3).

Conforme no afirma autora, essas instâncias negativas dos docentes para com seus alunos, acabam definindo-os em duas categorias: objetiva e subjetiva. Em relação à primeira é percebido por meio de atividades comuns como as provas, notas e classificação dos alunos. E a subjetiva mostra-se quando há desprezo, negligência, intolerância. Essa forma de o professor se comportar, diz muito aos alunos. Essas representações, mostram que uns são capazes e conseguem e por outro lado, há os que absorvem isso de forma negativa. Isso também faz parte do currículo oculto.

Assim, o currículo também é silenciado quando deixamos passar despercebido a brasilidade ou quando não valorizamos a cultura do outro. Silenciamos o currículo de quem é diferente de quem tem uma visão contrária da que temos. Ensinar e aprender são ações simultâneas que devem fazer parte da vida do educador diante do conhecimento que não cessa bem como o respeito ao currículo que não conhecemos.

Para entendermos currículo oculto, é importante que saibamos conceituar currículo de um modo amplo e que possamos compreendê-lo no campo escolar e, principalmente, fora dele e perceber as diferentes formas de ensino e aprendizagem. Pois, como diz Apple (1994, p. 15), “de quem são os significados reunidos e distribuídos através dos currículos declarados ou ocultos nas escolas?” Decerto, somos todos nós que damos significados conceituais e práticos do currículo oficial, que na maioria dos casos, se tornam ocultos por ignorância, padronização, homogeneização e valores meramente tradicionais. Os muros das escolas e dos campos institucionais que disseminam um currículo que os faz de exército, devem ser derrubados em prol de um currículo que cansou de se silenciar e que agora quer falar.

Considerações Finais

A busca por uma educação que tenha como norte a inclusão de todos num processo de ensino e aprendizagem, nos faz perceber que antes do ensino há teorias do conhecimento e planejamentos quanto ao que ensinar, como ensinar, para quem ensinar. Chamamos isso de currículo. Currículo este que dá suporte aos que dele utilizam e fazem dele seu apoio. Contudo, percebemos no decorrer da pesquisa, que existem currículos que são silenciados. São os conhecidos como ocultos, ou seja, aqueles que por mais que sejam necessários, são excluídos do processo por não condizer com padrão.

Frente a esse embate de currículos, visamos destacar os que merecem de todo modo respeito, embora não estejam dentro dos muros das escolas e instituições devidamente. O currículo oculto se depara com diversos dilemas quanto à cultura, ao conhecimento e à diversidade de um modo geral. Ele não traz à tona muitos esclarecimentos, devido uma demanda política que insiste em homogeneizar e padronizar o ensino. O fato é que a ignorância os faz pensar que existe apenas um modo de ensinar e aprender. Toda e qualquer inovação é vista de forma negativa. Assim é visto o currículo oculto.

Com as inovações no sistema educacional e a entrada da tecnologia no seio escolar, o currículo oculto vem avançado e tomando espaço pelos alunos no sentido de conhecer para crer. Assim, a busca pelas informações, que antes eram tidas como tabus e silenciando diversos indivíduos, entre eles professores, toma um novo sentido com a vinda do computador, internet, TV, vídeos, entre outros, que possam fazer com que as pessoas saiam da caverna onde vivem em busca da liberdade de pensamento e livre expressão. O currículo oculto se encontra em toda parte, aonde quer que vamos, inclusive no outro. Por isso, é importante que saibamos ouvir, falar, perceber e diferenciar currículos com o devido respeito.

Silenciar um currículo é, acima de tudo, oprimir e não consentir. É fazer de muitas vozes um silêncio ensurdecedor que atormenta e desestimula os que clamam por uma voz ativa em prol de mudanças significativas e que geram aprendizagens. Portanto, lutar por essas vozes que visam mudanças na educação, em busca do novo, é lutar por uma educação mais branda, por uma educação verdadeira e que avance pra um futuro promissor alcançando os lugares mais longínquos e sedentos de um saber curricular e dessa forma, desvendar o lado oculto do currículo.

Referências

- APPLE, Michael W. **A política do conhecimento oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional?** In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, R. (Org.). São Paulo: Ática, 1983.
- CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e contradição**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- FRAGO, Antonio Viñao Frago; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- GESSER, Verônica. **A evolução histórica do currículo: dos primórdios à atualidade**. *Contrapontos*, Itajaí, SC, n. 4, p. 69-81, 2002.
- GARCIA, José Gustavo Sampaio. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **A couraça como currículo oculto – um estudo da relação entre a rotina escolar e o funcionamento encouraçado**. 2010. 197 p. il. Tese (doutorado).
- GOERGEN, Pedro. **Novas competências docentes para a educação: anotações para um currículo de formação de professores**. In: BORBA, A. M.; FERRI, C.; GESSER, V. (Orgs.). **Currículo e avaliação: investigações e ações**. Itajaí: UNIVALI / Maria do Cais, 2006 [Coleções Plurais Educacionais].
- GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- MOREIRA, Antônio Flávio. (Org.). **Currículo: questões atuais**. Campinas: Papyrus, 1997.
- PERRENOUD, P. **La construcción del éxito y del fracaso escolar**. Madrid: Morata, 1996.
- POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **El curriculum oculto**. 4. ed. Madrid: Morata, 1994.
- SILVA, Maria José Lopes. Um aspecto da função ideológica da escola: o currículo oculto. **Boletim Técnico do SENAC**. v. 22, n.2, maio/agosto 1996. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2019.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que produz e o que reproduz em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b.